

A INSERÇÃO DO PROFESSOR SURDO NO ENSINO SUPERIOR.

Antonio Carlos **Cardoso** – UFPE. E-mail: ancarsurdo7@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como o professor surdo é representado no ensino superior por alunos e coordenação de cursos. Analisamos como é a receptividade dos alunos e da coordenação, se há inclusão no trabalho e profissionais capacitados, investigando o que falta para concretizar a inclusão do sujeito surdo. Para esse fim, utilizamos uma metodologia qualitativa e como instrumento de pesquisa a entrevista. Considerando que é um sistema novo e são poucos os professores surdos aprovados em instituições federais, tal pesquisa faz com que percebamos que é necessário a adequação das estratégias e métodos escolhidos para lidar com situações referente ao professor e os demais, ainda são falhos, uma vez que a real proposta é Inclusão e não Exclusão.

Palavras-chave: Professor surdo, Universidade, Libras, Inclusão, Exclusão.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate how the deaf teacher is represented in higher education by students and course coordination. Analyze how the receptivity of students and coordination if there inclusion in the workplace and trained professionals, investigating what is needed to achieve the inclusion of the deaf subject. To this end, we used a qualitative research tool and as the interview methodology. Considering it is a new system and few deaf teachers approved in federal institutions, such research causes us to realize that the adequacy of the strategies and methods chosen to deal with situations related to the teacher and the other is necessary, are still flawed, since that the real purpose is inclusion, not exclusion.

Keywords: Deaf Teacher, University, Pounds, Inclusion, Exclusion.

Introdução

A educação de surdos passa por um processo evolutivo, sendo garantida por Lei. No entanto, é notável que, além das escolas de ensino regular enfrentarem dificuldades, agora, nos deparamos com uma ‘nova’ realidade que são as universidades com a aprovação de novos professores universitários surdos, uma vez que a equipe de docência não é capacitada para recebê-lo, além de não existir o apoio de profissionais que auxiliem na comunicação entre aluno e professor, professor e professor, equipe de

docência e professor. Em decorrência disso e sendo a Libras sua língua materna ele necessita de outras estratégias para a comunicação com os demais integrantes da universidade e de metodologias apropriadas para ministrar os conteúdos aos alunos universitários ouvintes. E sobre isso Gesser (2006, p.133) reitera:

“É bem possível que cada aluno ouvinte demonstre, em maior ou menor grau, dificuldades na habilidade de compreensão visual dos sinais. Por isso é importante que você, professor, fique atento a essas e outras características para poder criar uma zona de conforto para o aluno. Uma alternativa é desenvolver estratégias e técnicas para minimizar o estranhamento do aprendiz com a língua-alvo” (GESSER, 2000, p. 133).

No Brasil, a formação de professor para atuar no ensino superior é restrita ao artigo 66 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação N°. 9394/96. Esse artigo normatiza que a preparação para o exercício do magistério superior será realizada em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado. Sobre essa legislação, Veiga (2006) esclarece que:

Com relação ao amparo legal para o processo de formação dos professores universitário, a LDB de n°. 9.394/96, em seu artigo 66, é bastante tímida. O docente universitário será *preparado* (e não formado), prioritariamente, nos programas de mestrado e doutorado. O parágrafo único do mesmo artigo reconhece o notório saber, título concedido por universidade com curso de doutorado em área afim. (p. 90, grifo da autora).

Os discursos sobre a formação dos professores de Libras são produzidos em diferentes segmentos e apropriados pelas políticas públicas e pelos profissionais de forma variada. Entre o acesso às informações, discussões e as possibilidades de troca e de consequente assimilação há um percurso não linear que, além de depender das condições de produção, conta com avanços e retrocessos das políticas públicas para o ensino de Libras. (NEVES, 2001).

E no seio desse desafio que envolve a formação de professores que nos deparamos com outra questão bastante polêmica – a formação de professores de Língua

Brasileira de Sinais – Libras na atualidade e que surge com a oficialização da Libras através de lei federal 10.436 em 2002.

Com o Decreto Federal 5.626 de 2005, a lei anteriormente citada passa a ser regulamentada. Com isso, a Libras, de acordo com o capítulo II, passa a ser incluída como disciplina obrigatória:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

O decreto nº 5.626/05 disciplina pontos muito interessantes para a formação do professor de Libras, a saber:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras/Libras ou em Letras/Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

Pereira (2008) avaliou a implementação da disciplina Libras pela perspectiva dos coordenadores de curso de diversas universidades e se dispôs a compreender qual o intuito das universidades em incluir o curso em seus currículos.

Os dados de sua pesquisa demonstram que a disciplina ainda não foi incorporada de forma plena, embora apresente experiências interessantes e positivas. O curso de Libras é visto ainda como uma nova língua incluída no currículo dos cursos. E não como uma disciplina que pode ao mesmo tempo em que oferece fluência e domínio da língua, apresenta aos futuros profissionais uma compreensão do universo surdo, suas peculiaridades e a partir disso, atuar para a transformação da sociedade. “ Na prática educativa e na escolarização dos surdos, os educadores responsáveis pela mediação do conhecimento e da transmissão de valores no processo avaliativo devem compreender a maneira própria de aprender e ensinar desses alunos”. (Pereira 2008, p. 39)

O papel das universidades é, formar profissionais que compreendam as diferenças culturais dos surdos e saibam como conduzi-las num caminho de afirmação de identidade, sendo importante conhecer a língua, mas também a história da comunidade surda.

As instituições de ensino superior, sob a luz do decreto, devem possibilitar atividades de extensão universitária que possibilitem a prática discente e o convívio com os surdos.

Como conclusões de seu trabalho, Pereira (2008) aponta a dificuldade que as instituições têm para adequar seus projetos pedagógicos. A autora salienta que é necessário estruturar o currículo de Libras nas universidades e definir orientações básicas para implementação da disciplina, já que cada instituição define aspectos estruturais como carga horária, que muitas vezes parece insuficiente, conteúdos programáticos, ora privilegiando a língua, ora aspectos pedagógicos.

Aponta também necessidade de novas e aprofundadas pesquisas sobre a disciplina Libras analisando as deferentes perspectivas e os diferentes atores desse processo, além de ser importante acompanhar o impacto que os profissionais formados dentro desse novo paradigma terão em seus espaços de atuação.

Quanto ao ensino de Libras, Quadros (2004, p. 83) esclarece que, “há basicamente três formas de aquisição de uma segunda língua - L2: **(a)** a aquisição simultânea da primeira língua - L1 e L2; **(b)** a aquisição espontânea da L2 não simultânea e **(c)** a aprendizagem da L2 de forma sistemática”.

Para a autora, “no primeiro caso, a aquisição simultânea pode ocorrer com crianças que são filhas de pais que usam duas línguas diferentes ou usam uma língua diferente da língua usada na comunidade onde vivem. A forma em **(b)** pode ocorrer com pessoas que passam a morar em outro país onde é usada outra língua. No item **(c)** descreve-se a situação de escolas de línguas estrangeiras, em que a diferença básica entre a aquisição da primeira língua – L1 – e a aquisição de uma segunda língua – L2 – relaciona-se como o indivíduo é exposto às Línguas”.

Quando a autora se refere ao caso **(a)** torna muito mais fácil a aquisição desta, por ainda ser criança e a aprendizagem ocorrer espontaneamente. Quando se refere ao caso **(b)** refere-se ao ‘aprender pela sobrevivência’ o que é, mesmo que de modo ‘forçado’, uma das melhores formas de aprendizagem, ou aprende, ou aprende. E o último caso **(c)**, é o que acontece na maioria dos casos, o indivíduo quer aprender uma nova língua, portanto, procura uma instituição que ofereça um curso, ou algo semelhante.

Portanto, para o ensino da Libras na educação superior é necessário que o professor desperte em seus alunos a segurança em si mesmos, reduzindo ao máximo as correções quando eles estiverem tentando se comunicar e que não faça o aluno repetir suas frases ou memorizar listas de palavras, coloque-o sempre em uma situação comunicativa onde ele precisara usar um sinal ou uma frase. A tarefa do Professor de Libras é habilitar o aluno a ser um bom usuário, isto é, a usar a língua que está aprendendo para poder se comunicar. Contudo, existe uma preocupação com o desenvolvimento da comunicação na língua-alvo, tanto por meio da minimização das intervenções corretivas do professor, quanto através da criação, por parte deste, de situações comunicativas em que os sinais aprendidos possam ser usados.

Sendo assim, a melhor maneira é fazer com que o professor motive seus alunos para manter a prática de atividades e fazer com que, frequentemente, ele entre em contato com outros cidadãos que falam essa L2 para que, de modo um pouco menos sistemático e doloroso, ele aprenda no decorrer das aulas.

A cerca desse tema, procuramos desenvolver um trabalho com questões ligadas ao ensino-aprendizagem dos alunos, relacionados com a relação desse novo professor surdo universitário. Do ponto de vista empírico, o trabalho foi realizado em uma Universidade Federal do Interior. Os interlocutores da pesquisa foram compostos por 15 alunos do professor surdo.

O desejo de contribuir para a prática universitária de aprimoramento dos primeiros contatos com professores universitários surdos, alunos e professores e a

equipe de docência é ínfimo. Tendo como principal foco a melhoria da formação de profissionais mais qualificados na relação com a pessoa surda.

Materiais e Métodos

No presente estudo, foi utilizada a metodologia qualitativa com entrevistas, o que favorece o detalhamento maior da análise que trabalhamos. O *corpus* foi formado de acordo com as perguntas enviadas e pelas respostas recebidas, com o professor, com a coordenação e os alunos ouvintes do curso universitário que estudavam a cadeira de Libras na cidade de Petrolina. Tomaram parte desta pesquisa, dez alunos ouvintes, o coordenador da universidade e um professor surdo da mesma.

Utilizamos as perguntas enviadas pelo e-mail do próprio professor, como método de atividade para os respectivos alunos. Foi pretendido dar ao questionário, ao ser pela internet, mais tempo para o aluno, coordenador ou o professor, pensar e discorrer sobre as perguntas, sobre o tema, tendo assim mais liberdade de conduta.

Juntamente com o Professor, elaboramos um questionário de 16 (dezesesseis) perguntas para os alunos, 19 (dezenove) para a coordenação e 13 (treze) perguntas para o professor da disciplina de libras, sendo seis perguntas profissionais e sete pessoais, nosso objeto de estudo.

Análises e discussões

Primeiramente, é necessário elucidarmos sobre: ‘quem é esse aluno ouvinte’ que estamos mourejando, pois Gesser (2012 p. 64) diz:

“Embora todo ato de ensinar tenha como meta a promoção do aprendizado, este não é garantia e nem consequência do primeiro. Seria reconfortante para todos, assumir que ensino pressupõe aprendizagem, numa relação direta e linear; mas o fato é que o processo é bem mais complexo e anfigúrico.” (GESSER, 2012, p. 64)

Logo, antes de começar a indagar sobre este capítulo, temos que retratar que vem do próprio aluno, querer ou não aprender, conseguir ou não aprender, estudar ou não estudar, esforçar-se ou não, e tudo isso cabe a ele próprio.

TABELA 1 - Reação ao ver que o Professor de Libras é Surdo

Já sabia	1
Surpresa	1
Curiosidade	2
Dúvida (Medo)	1
Interessante	4
Assustador	1
Total	10

Segundo GESSER (2012 p. 66) “As crenças são influenciadas pelo entorno social e podem afetar a atitude dos alunos durante a aprendizagem.” O que podemos perceber é que, a maioria dos ouvintes alunos de surdos, ainda apresentam traços de ceticismo unicamente forte, em relação ao professor ser surdo, fazendo assim, transparecer no olhar deles o pensamento de incapacidade do professor para ele conduzir determinadas atividades.

Tais fatos podem ser associados ao que já foi citado antes no Capítulo III sobre os estereótipos dos surdos, o que é reiterado por GESSER (2000 p. 65), “Quando se prega a imagem de um indivíduo surdo num enquadre inferior, subalterno, de deficiência, ampliam-se as possibilidades de descrédito em relação a sua pessoa e a qualquer atividade que venha a desempenhar”. Tal pensamento tende a ser anulado ou melhorado, à medida da aproximação do aluno com o professor e o conhecimento do desconhecido.

Portanto, é claramente visível a mistura de sentimentos dos alunos em relação a essa situação, o que é bom, uma vez que mostram que eles estão abertos para o novo conhecimento.

TABELA 2 - Para que você julga importante aprender Libras?

Para a comunicação	10
Total	10

Todos acima classificam a importância de aprender Libras, pela comunicação. O que amarramos no capítulo III, sobre a importância de se comunicar, de aprender para a comunicação, para a relação de convívio social.

Segundo GESSER (2000, p 75) “a maioria dessas pessoas que aprendem Libras, aprendem por contatos que se dão por circunstâncias emergenciais em contato direto e informal com os surdos, geralmente em espaços religiosos e escolares.”

TABELA 3 - O professor surdo deixa a desejar em relação a um professor ouvinte?

Não	10
Total	10

De forma bem parecida com a questão acima, 100% da turma, com unanimidade, concordou de que o professor surdo não deixa a desejar em relação a um professor ouvinte. Deste modo, vale ressaltar sobre a primeira pergunta, quando todos estavam apreensivos sobre o fato de ter um professor surdo, e agora, reafirmam que o mesmo não deixa a desejar em relação a um professor ouvinte.

Conforme decorremos no Capítulo III, com o ‘estereótipo do surdo’, felizmente neste caso é notada a evolução do profissional surdo, deixando de ser aquele ‘coitadinho’ inferior aos demais.

Segundo GESSER (2012 p.82) diz: “Professores surdos não têm dúvidas da legitimidade da língua de sinais e do significativo valor que ela representa em suas vidas, embora possam desconhecer as discussões geradas pelo discurso científico da linguagem”.

Muitos alunos declararam que preferem ter em sala de aula, um professor surdo ensinando Libras, do que um professor ouvinte ensinando a mesma. Eles relataram ser mais produtivo, mais prático e dizem que “Aprendem de fato com quem sabe”.

É claro e evidente o desejo do aluno de continuar estudando e se aprimorando para estabelecer uma comunicação segura e entender mais sobre o assunto. Em todas as respostas obtivemos a mesma reivindicação, pedem por mais horas da carga horária,

solicitam mais eventos, mais discussão sobre o assunto, querem conhecer a fundo o que, na realidade, acontece e as deficiências que estão presentes na sociedade.

Conclusões

Tudo o que vivenciamos até o presente momento para a realização deste trabalho foi um aprendizado mesmo que muito trabalhoso, valioso e de extrema importância em minha vida, portanto me sinto aliviada e com a sensação de dever cumprido.

Encontrando o maior desafio, na exposição de tal pesquisa, de maneira que fosse a mesma bem compreendida, sendo a obtenção de respostas de coordenador e alunos para chegar a contribuir sobre sala de aula inclusiva e especial.

O fato dessa pesquisa investigar sobre a representação do professor surdo no meio universitário me fez refletir que a disciplina de Libras nas Universidades Brasileiras, uma vez que não estão preparadas para receber o surdo da maneira que recebem, é necessário que haja mais atenção e capacitação para a formação de docentes na equipe.

Minhas frustrações e inquietações me fizeram trilhar um longo caminho em busca de conhecimento sobre ensino, de uma forma geral e a principal reflexão é sobre a importância da inclusão da disciplina como L2 para os alunos ouvintes em sala de aula, uma vez que, nunca tiveram contato com surdos, todos eles sem êxito saíram satisfeitos e solicitando mais horas na carga horária. Nota-se a necessidade de um diálogo entre o ensino e a aprendizagem, que normalmente é o que eles já estão acostumados no cotidiano.

O foco dessa investigação foi dirigido para a representação da Universidade (coordenador), alunos ouvintes e o professor surdo. Todo o trabalho tenta explicar a concretização (ou não) do professor surdo na Universidade Federal. Buscamos investigar melhor sobre de que forma o professor de Libras e seus respectivos alunos

ouvintes se relacionaram para obter aprendizado, incluindo estratégias de ensino, metodologia, estratégias e afins.

Foi verificado que o grupo pesquisado, na sua maioria, sabia o que era Libras, mas não possuía conhecimento básico da mesma e o contato com ela era escasso e a surpresa, medo e curiosidade inicial foram superados, ficando claro que a comunicação em Libras entre professor e aluno, não dificultou em nada o aprendizado.

Finalizando confiamos dizer que esta investigação deve ter fornecido dados importantes para nortear nossa prática enquanto alunos ouvintes de professores surdos de Libras, desejando que possa proporcionar alguma contribuição aos profissionais da área aumentando seu campo de visão, além de que as universidades ao terem acesso a presente investigação, entenda de certo modo, como agir com um professor surdo.

Referências

- BRASIL, Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/lei10436.pdf>
- BRASIL, Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/lei10436.pdf>
- GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda / Audrei Gesser; [prefácio de Pedro M. Garcez]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2000.
- _____. O ouvinte e a surdez sobre ensinar e aprender Libras/ São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- NEVES, S. L. G. Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes. Dissertação de Mestrado em Educação da UNIMEP. Piracicaba: UNIMEP, 2001
- PEREIRA, Terezinha de Lourdes. Desafios da implementação do ensino de LIBRAS no ensino superior. São Paulo, Centro Universitário Moura Lacerda Dissertação (Mestrado em Educação). 2008.
- QUADROS, R. M. de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos / Ronice Muller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. - Porto Alegre: Artmed, 2004.
- VEIGA, Ilma Passos Alancastro. Docência universitária na educação superior. In: RISTOFF, Dilvo; SEVEGNANI (orgs). Docência na Educação Superior. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, 2006.